

SINFÔNICA, orgulho da cidade.  
1979.

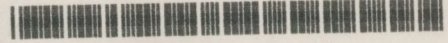
Correio Popular, Campinas, 14 jul.

Sábado, 14 de julho de 1979

**Campinas - 205 anos**

**CORREIO POPULAR - 19**

Biblioteca Centro de Memoria - UNICAMP



CMUHE030050

# Sinfônica, orgulho da cidade



*...ou ao ar livre, perto do grande público*



... e vai até as igrejas...

SINFÔNICA, orgulho da cidade. Correio Popular, Campinas, 14 jul.  
1979.

Sábado, 14 de julho de 1979

Campinas - 205 anos

18 — CORREIO POPULAR

# SINFÔNICA, ORGULHO DA CIDADE

**U**M dos maiores orgulhos da cidade! Inegavelmente este é o maior título, entre os vários que possui, da Orquestra Sinfônica Municipal de Campinas. Não é para menos, pois Campinas é a única cidade brasileira que, não sendo capital de Estado, tem um conjunto sinfônico e, o mais importante, que está colocado entre os três melhores do País, segundo a crítica especializada. Como se não bastasse, o regente da orquestra, Benito Juarez, é nacional e internacionalmente reconhecido como detentor de um talento notável e de uma força de trabalho que espanta pela criatividade e resistência.

Mas nem só de elogios vive a Sinfônica. Ela tem sido alvo de algumas críticas e investidas que, sem entrar no mérito da questão, colocam em dúvida o verdadeiro papel que ela representa dentro da comunidade como um todo. São feitas restrições quando às fontes que geram os recursos para manter o conjunto e quanto às repercussões sociais do trabalho da orquestra, traduzidas pelas preocupações de alguns no que se refere ao público atingido pelas apresentações.

Responsável pela mentalidade de constante aperfeiçoamento individual e coletivo existente entre os integrantes da orquestra e também, de certa forma, pelo relacionamento "familiar" que impera entre os músicos e demais participantes da Sinfônica, o que tem profundos reflexos no resultado final dos trabalhos por eles desenvolvidos, o maestro Benito Juarez vai tecer aqui alguns comentários sobre a filosofia de trabalho da orquestra, a contribuição que ela traz ao aprimoramento cultural da população da cidade e também um rápido histórico, mostrando a evolução da Sinfônica, desde quando assumiu a sua direção, em abril de 1975, até este ano de 1979. E é impossível deixar de notas que mesmo neste tipo de análise, a atenção do maestro é patente, assim como a dedicação.

#### MODELO PROFISSIONAL

Benito começa sua análise sobre a orquestra lembrando que "desde que assumi a direção artística da OSMC, em abril de 1975, vim desenvolvendo intenso trabalho de estruturação. Foi proposta a reformulação dos quadros da orquestra e de seus métodos funcionais, visando-se a um modelo verdadeiramente profissional, tanto a nível material — através de remuneração condizente com a realidade — quanto técnico-artístico e administrativo, para a melhor operatividade geral".

Com o apoio recebido do Governo Municipal, recorda o maestro, "a orquestra transformou-se em organismo capaz de atender suas finalidades mais imediatas, ou seja, a programação de concertos, além de sua vida administrativa em ordem. E sua estrutura interna vale ser conhecida em mais detalhes. Organicamente compõe-se de uma Direção Artística — o próprio regente titular — e de uma Coordenadoria Executiva — com um especialista em direção de orquestra — estreitamente ligadas no estudo e solução de problemas artísticos e administrativos, problemas que são repassados pela Secretaria Municipal de Cultura e, antes, através de um canal importante, a Diretoria de Assuntos Culturais. Desdobram-se ainda setores, assessores e auxiliares como Assessorias Técnico-artística e Administrativa, Inspetoria de montagem, Arquivo musical, Secretaria Administrativa e Núcleo de Comunicação".

Ainda sobre a estrutura interna da orquestra, Benito fala: "No âmbito técnico-musical propriamente dito, os compartimentos clássicos com funções e encargos decisivos para o equilíbrio funcional do conjunto: o "Spalla" da orquestra — a principal figura de instrumentista e a quem os demais devem acatamento técnico-artístico; — a "Concertino" — imediato do "Spalla"; os Chefes de Naipes, principais instrumentistas de cada naipe e que assumem, informalmente, responsabilidades de liderança em ensaios e atividades correlatas, sob critério pessoal do Regente Titular; e os professores-de-orquestra e executantes dos vários instrumentos de toda a Sinfônica".

Outras figuras importantes no desenvolvimento dos trabalhos não são esquecidas: "Mas este corpo diversificado e ao mesmo tempo harmônico de profissionais só poderia funcionar bem com o apoio superior efetivo e mentalizado para a política cultural. Na Secretaria Municipal de Cultura, contamos com a estimadíssima figura de Dr. Itagiba D'Avila Ribeiro, 'doublé' de Juiz (recentemente aposentado e de largo conceito nos meios forenses) e de intelectual, amigo da arte e um dos sustentáculos de nossas proposições".

"A Diretoria de Assuntos Culturais", prossegue, "é como um cordão umbilical entre a Orquestra e a Secretaria específica. Lá, nosso planejamento de programas recebe cuidadosa atenção, através de estudos conjuntos entre nós, até sua implementação. E na pessoa criativa, ágil, dedicada, de Ana Cristina Martorano Amaral, nossas programações tomam rumo consciente. Esse bem esquematizado apoio da área oficial tem sido responsável pela consecução de nossos objetivos que, de resto, são objetivos em favor da cultura-artística da cidade".

#### INFRA-ESTRUTURA

O nível técnico dos trabalhos dependem ainda de fatores que nem sempre são do conhecimento daquele público que assiste os concertos, mas que são lembrados aqui pelo maestro Benito Juarez:

— "A Orquestra Sinfônica, entretanto, não teria condições de bom funcionamento, se não contasse com uma infra-estrutura específica para a realização dos concertos. O Teatro Interno do Centro de Convivência Cultural e o Teatro Municipal 'José de Castro Mendes', bem como o Auditório Beethoven (Concha Acústica) do Parque Taquaral, são locais de privilegiados meios. Com as excelentes administrações que possuem e seu pessoal especializado, ao lado de uma dedicação a toda prova dos que neles servem, as atividades artísticas para a cidade desenvolvem-se em nível técnico de melhor qualidade possível. A Sinfônica, por sua vez, tem nessas casas a sua própria, principalmente em termos humanos. Completa-se assim um ciclo de recursos e de apoio às nossas atividades, para cujo desempenho a própria Orquestra procurou contribuir o mais que pode e conviver bem, em benefício do trabalho".

#### PERSPECTIVA SOCIAL

Como uma das grandes preocupações que existem com a orquestra, que gerou inclusive, recentemente, uma polêmica dentro do Legislativo campineiro, é o que podemos traduzir a grosso modo de "preocupação social", esta pergunta foi feita ao maestro — Qual é a filosofia da Orquestra em seu trabalho, a Arte pela Arte ou existe uma perspectiva social? E Benito respondeu assim:

— "Embora pudesse dar uma resposta mais direta, passo a ter oportunidade para algumas conceituações, não apenas nossas, mas também de outros que apoiam e/ou acompanham o trabalho da OSMC e dele sabem fazer uma análise correta. No mundo competitivo de hoje e ao mesmo tempo exigente de vida associativa, organizada, como meio de obtenção de bens de consumo e outros de toda ordem — aliás, como recurso muito justo para a sobrevivência de camadas populacionais cada vez maiores — não se tem mais a postura do dilettantismo artístico.

Embora subsista o amor específico do artista por sua arte preferida, mantendo uma entrega pessoal para o que quer expressar-se — e nisso está a sua função artesanal e uma inclinação inelutavelmente perfeccionista — tudo isto condiciona-o hoje a uma cadeia de ações e reações de causa e efeito. A injeção de valores sociais pesa agora muitos mais que no tempo dos cultores helênicos e renascentistas, por exemplo. E, em plena era do desenvolvimento industrial, precisa ter no fruto do seu trabalho uma forma de subsistência própria. Aí então morre qualquer veleidade de se fazer "arte pela arte" em qualquer dos planos: o pessoal ou grupal.

Porém, não se cai apenas no processo econômico, de trocas necessárias. Como qualquer ser pensante, que se utiliza porisso mesmo do pensamento ou da sua arte para informar algo, o artista há de percorrer uma dialética cultural, cada vez mais desafiada pela tecnologia das comunicações. Sua arte, em maior ou menor dose, é produto do meio e para o meio, não como um reflexo puramente introspectivo, mas sociocêntrico, isto é, que motive pessoas e não a ele somente.

Sobre a perspectiva da pergunta, felizmente o "currículum vitae" da OSMC, divulgado em nossos programas, pode dizer bem o que é esta perspectiva. Como no trecho que diz que uma orquestra não é nem máquina, nem entidade em abstrato; é constituída de pessoas engajadas em processo de natureza cultural... Grande preocupação da Sinfônica de Campinas vai sendo a melhor possível distribuição da riqueza que ela produz, persuadida de que não é só a seus "habitués" que deve satisfazer, e se esforça por sair do teatro o mais que pode: toca frequentemente em sedes de associações, universidades, igrejas, praças, escolas e salões pela periferia afora. Reconhece, com isto, que a pessoa que pela primeira vez ouve uma orquestra, também existe, e é também um ouvinte importante.

Como a missão da Orquestra, como concebo e ponho em prática, está repartida na busca de um nível de qualidade artística sempre melhor e em paralelo ao serviço que possa prestar a qualquer camada social, desde que adequadamente programado, acho importante reproduzir testemunho jornalístico, sem dúvida insuspeito, de quem assistiu a um concerto da OSMC fora do teatro e resolveu escrever o seguinte: "... Na atividade de Benito Juarez uma coerência se faz sentir no entrosamento entre as diversas linhas da sua atuação: o trabalho acadêmico; a orientação aos grupos corais e a formação de regente; o aprimoramento de um repertório elaborado e o contato permanente com um público de periferia, no sentido de mobilizar núcleos de sensibilidade. E' sempre uma visão social da música, voltada para a comunidade

nos diversos níveis de percepção, pensando também nas pessoas que nunca puderam assistir a uma orquestra".

O crítico diz ainda, na mesma matéria que "o FEED-BACK desse trabalho de comunidade é a gratificação e o retorno imediato. No SESC (São Paulo), por exemplo, a maior parte do público era constituída por pessoas com renda em torno de três salários-mínimos; uma minoria atingiria cinco salários-mínimos. Entretanto, antes mesmo do início do concerto, um trabalhador humilde não conteve a sua expectativa e disse — O programa é bom, começa com Beethoven. Ao fim da apresentação, esse senhor estendeu a mão calejada ao regente, abraçou e agradeceu. E, nesse sentido, o SESC, orientado por jovens especialistas em lazer sócio-educacional, segue a filosofia de ampliar as possibilidades de participação das pessoas na criação e na apropriação dos bens culturais". Benito diz que esse trecho foi tirado de uma matéria feita pela jornalista Léa Vinocur Freitas, de O Estado de São Paulo.

## CONTRIBUIÇÕES

O maestro Benito Juarez comenta também a forma como a OSMC contribui para o aprimoramento cultural da população de Campinas, nas diferentes classes, começando por dizer que "a realidade de duas grandes universidades em Campinas — UNICAMP e PUCC — subsidiadas por uma população estudantil sempre mais numerosa em cada ano, do grau pré-escolar ao universitário, em paralelo ao florescimento de um parque industrial de grandes proporções, e já a existência de uma vida cultural historicamente saliente, que tem em Carlos Gomes seu maior referencial, haveria de ter na OSMC um valor contributivo, que mantivesse e desenvolvesse as manifestações artísticas de uma comunidade com tamanha vocação de metrópole e tanto potencial no campo da cultura e da inteligência".

"Basta percorrer as agendas passadas e a presente da atividade da OSMC", destaca Benito, "para constatar que seu papel inseriu-se em um contexto que lhe pedia justamente o que está realizando. O organismo não atua aristocraticamente, não se circunscreve aos teatros, nem afetiva o seu trabalho para o puro deleite de poucas camadas. Dentro do conceito de que a cultura é também educação extra escolar, complementar do que se aprende nos bancos colegiais e universitários, a finalidade da educação artística é aquela que se aproxima em mais possível do que pensava o antigo e sábio povo romano: "non discemus scholae, sed vitae" (não aprendemos para a escola, mas a vida)".

Benito vai mais longe: "Em termos de música, não se espera que o povo todo estude e aprenda música, mas passe a ouvi-la e gostar dela. E cabe aos seus propulsores trabalhar para que o povo tenha, com a música, oportunidade de conhecê-la nas suas melhores facetas. Sem apriorismos, sem referências impostas, embora seja importante a procura do nível de qualidade, de resto uma preocupação em qualquer setor de ação. A Sinfônica de Campinas está nos teatros — lugar onde, por razões técnicas, ela pode ser melhor ouvida e vista — como vai também aos lugares abertos onde, também, a audição se gratifica com a agradável simbiose do som com o ambiente aberto".

Em continuidade, o maestro esclarece que "as duas fórmulas para a atividade externa da orquestra — concertos dentro do teatro e em outros lugares — atendem a expectativas específicas, sem perda da meta principal de música para todos. Os resultados vêm demonstrando que a OSMC presta serviços. Diverte, desperta a sensibilidade, instrue, cria adeptos novos, e a demanda por suas apresentações partindo de outras cidades cresce cada vez mais. Por outro lado se constata sadio orgulho de nossa gente pela existência de sua orquestra sinfônica e também pela imagem que carrega para Campinas, quando atua fora. Seria falsa modéstia omitir-me na explicitação deste quadro, cujo juízo maior sai frequentemente do veículo mais insuspeito: a Imprensa".

#### UTILIDADE

Benito Juarez nos dá mais detalhes sobre os benefícios que a cidade tem recebido pelo trabalho da orquestra: "Penso haver pelo menos duas frentes de apropriação e usufruto de bens: os de consumo e bens culturais, e estes, por sinal, se transferem (e renovam) por herança social. Para ambos cabe ao poder público ordenar e, por meios democráticos, impulsionar seu desenvolvimento, a fim de que o maior número possível de pessoas deles participem. Será com eles, a meu ver, que a convivência e paz sociais representarão, efetivamente, trilhas seguras do processo civilizatório. E o destino da humanidade deve ser, sempre, a busca da civilização, não é?"

Nesse ponto ele pede que pensemos um pouco na história: "A "polis" grega e a "urbs" latina já exercitavam a elaboração e apropriação de tais bens, num vivenciamiento tão significativo que gerou o Direito Romano, de

aplicação universal até nossos dias. Quem negaria que a cultura artística helênica e romana, em todos os seus ramos, mais a filosofia, a astronomia, a matemática, etc., conformaram um arcabouço amplo da inteligência humana para constante experimentação e discussão?" Duvidar-se-ia que hoje somos descendentes e usufrutuários dessa cultura geral e que, por nós, será transferida às gerações vindouras?"

Ele especifica as contribuições da orquestra: "A OSMC, ao lado de outros organismos afins, existe para incentivar o gosto e o aprimoramento culturais de nossa gente. Seu papel tem sido cumprido, como é público e notório, até com superação de meios materiais e financeiros. A existência de uma Secretaria de Cultura, promotora em nome do Governo Municipal de atividades indispensáveis ao interesse da comunidade; a existência também de teatros de excelente porte arquitetônico, além de outros de menor porte na cidade, atestam por si sós a utilidade da Orquestra e as promoções de variados ramos artísticos, sabendo-se mais que uma população estudantil de nível médio e universitário aumenta dia a dia seu interesse pela arte, buscando diariamente esses locais de diversão e ao mesmo tempo de conhecimentos".

Faz questão de dizer que suas afirmativas podem ser conferidas na prática, pela agenda de atividades da Orquestra ou pela imprensa, "que a tudo presença para informar a verdade dos fatos. Mas para mim é também importante que pessoas de responsabilidade para com a existência da Orquestra, comprovem não apenas sua existência, mas sua validade".

#### GOVERNO MUNICIPAL

É também fruto da atenção de Benito o papel da Administração Municipal no desenvolvimento dos trabalhos da Orquestra: "Tendo sido José Roberto Magalhães Teixeira, vice-prefeito eleito de Campinas, também secretário Municipal de Cultura, logo no início da administração do prefeito Francisco Amaral, e como prova do interesse que o Governo Municipal deposita nas coisas da Cultura, nossa auto-confiança no trabalho reforçou-se mais ainda pelo apoio pessoal que dele tivemos".

E Benito cita uma manifestação do vice-prefeito, em mensagem especial: "Esta Orquestra vem acumulando experiências várias, criando em sua trajetória, quase nunca fácil, um acervo positivo, ainda pouco avaliado. Penso na capacidade de adaptação às carências tradicionais, porém, muito mais nos resultados influenciadores de hábitos na comunidade". Cita outro trecho que, para ele, confirma o pensamento firme de Magalhães Teixeira sobre a finalidade social da Orquestra:

— "... Parece-me justo entendê-la assim e mais ainda a OSMC como obra, séria, do governo atual. Além fronteiras, nossa cidade desfruta do conceito de centro emergente, em processo aquisitivo das últimas técnicas, sem perda, entretanto, de uma visão humanista. A sensibilidade, de muitos modos, encarna o homem. E o saber e o sentir a visão do homem fazer parte da sensibilidade de nossa gente — atestado do saber-se e do sentir-se gente".

Benito lembra o prefeito Francisco Amaral, "de quem recebemos, sempre, apoio pessoal e estímulo, direta e indiretamente. Apesar de suas naturais e necessárias preocupações com os vários problemas administrativos da cidade, que ele vai encaminhando para o rumo certo, à Orquestra Sinfônica ele também empresta sua preciosa atenção. E sobre ela já expressou-se com peculiar propriedade". Ele cita então palavras do prefeito sobre o trabalho da OSMC:

— "Campinas, além de uma grande cidade, é também um grande centro cultural. Não é, dentro de sua pujança, apenas o polo que fabrica e vende máquinas mas também o centro que irradia cultura. Terra de Carlos Gomes, a nossa tradição musical ultrapassou os limites da saga criada por Barreto Leme, para se derramar por todo o País. Seguindo essa tradição, nossa Orquestra Sinfônica vem realizando um trabalho que hoje, não pertence mais apenas à nossa cidade, ou ao nosso Estado. Desde abril de 1975, quando o maestro Benito Juarez assumiu a sua direção artística, até esta parte, vimos aprimorando um trabalho em prol da divulgação da música erudita que é um orgulho para todos os campineiros. Nesses dois primeiros anos do meu governo, tenho dado um decisivo apoio ao funcionamento da Sinfônica".

#### FILHO ADOTIVO

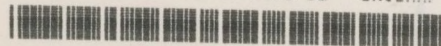
Ao final da sua análise, Benito Juarez resalta: "Estou certo que a oportunidade para detalhar tanta coisa positiva só poderia vir ao ensejo do 205.º aniversário de Campinas e através da edição especial do Correio Popular. É na comunidade de jornalistas, nesta querida Campinas, que encontramos gestos de apoio e de receptividade à nossa missão. A OSMC não poderia estar ausente nas comemorações, e mesmo falando muito de si própria pode estar assim dando testemunho do que a Arte e a Cultura recebem de seus condutores e também da participação que a comunidade em geral tem tido no seu próprio processo de vida material e espiritual. Como filho adotivo de Campinas, estou certo de que aqui é o melhor lugar do mundo para se lutar pelas melhores coisas do mundo. A Cultura e a Arte são para mim — e para milhões de pessoas como eu — dos meios mais dignificantes para se viver com a humanidade e trabalhar por ela".



*O regente Benito Juarez, que conduz a orquestra também para fora do teatro*

SINFÔNICA, orgulho da cidade: o antigo músico na nova orquestra.  
Correio Popular, Campinas, 14 jul. 1979.

Biblioteca Centro de Memoria - UNICAMP



CMUHE030052

## O antigo músico na nova orquestra

Seu nome é Wilson Russo, mas podem (e devem) chamar de Bóia, um apelido que ganhou de seu avô quando nasceu, porque era muito pequeno. Toca trompete e é um dos músicos mais antigos radicados em Campinas, tendo já tocado em boite, conjuntos de música popular, orquestras de dança, além de ser aposentado como funcionário público. Este fato, aliás, parece constrangê-lo muito, pois atrapalhou o desenvolvimento de sua música. Mas hoje ele só quer saber do seu trabalho na orquestra, onde encontra um ótimo relacionamento com os companheiros, e da sua família.

A trajetória de sua carreira é longa e acidentada, como ele mesmo lembra: "Eu toquei em boite, em orquestra de dança, em conjunto e fui funcionário público. Em Campinas trabalho com música desde 1945, e toquei na orquestra do Berico, orquestra do Julinho, no Conjunto 707, Conjunto Paulo Afonso, Orquestra Mário de Túlio e na antiga Sinfônica de Campinas".

Com tristeza recorda de uma época em que a música teve de ficar de lado: "Passei uma fase grande parado, por causa do meu emprego público, que me exigia tempo integral". Mas depois, as coisas mudaram: "Quando o Benito veio para cá e me convidou, eu já tinha tempo para aposentadoria. Então me aposentei e vim para a Orquestra Sinfônica".

Para ele também, a Orquestra é especial: "Esta Orquestra é diferente, é uma família. Temos estudos de naipe (grupos de instrumentos iguais), quando temos oportunidade de aprender bastante, além da vantagem de criar um bom relacionamento entre os integrantes da equipe. Isto é muito importante. Os resultados da Orquestra mostram a validade deste trabalho".

### A PARTE HUMANA

O trabalho como músico também mudou muito em relação ao passado: "A grande diferença do meu trabalho hoje, nesta orquestra, é o regime de trabalho, a filosofia seguida pela Sinfônica. Aqui a gente se dedica totalmente à orquestra. E o trabalho está evoluindo, a gente sente isso nos resultados e podemos perceber muito bem pela aceitação que temos junto ao público".

Ele tem também uma preocupação de que a música transcenda a Arte simplesmente: "O trabalho da orquestra tem contribuído muito com a cidade, com a sua população. Posso dizer isso pelo interesse das pessoas que encontro em todos os lugares, que querem saber como vai a Sinfônica, qual a programação dela para o próximo mês, etc."

A mesma preocupação aparece quando fala de levar a música clássica para os bairros da cidade: "A gente tem notado que é importante o trabalho de levar a música para a periferia e pretende levar a orquestra até os bairros com mais frequências, com sub-conjuntos (metais, sopros, cordas). Nas vezes que já tocamos nos bairros foi muito bom, a gente explicava cada instrumento, sua função dentro da orquestra e tocava uma série de músicas. Isto desperta o interesse, o gosto pela música e pelas experiências nesse sentido, podemos perceber que muitas das pessoas de bairro acabam vindo assistir os concertos no teatro".

E este tipo de trabalho agrada muito ao Bóia: "É uma espécie de conversa que temos com o público e isso é muito interessante para nós e para eles. Nós gostamos muito desse tipo de trabalho, tanto no que diz respeito à música propriamente dita, como, e acho que isso é o principal, no que se refere à parte humana das pessoas".





# Música para todos

Outro integrante da orquestra que se reveste de característica curiosa é Waldemar Bento de Oliveira. Mas ninguém o conhece por este nome, todos o chamam de Pantera. Ele já foi lutador de boxe (de onde vem o apelido) e boêmio, mas é uma fase que ele não gosta de lembrar. Toca trombone e a música é sua vida. É uma pessoa tranquila, que fala pausadamente e irradia realização.

Ele começa falando sobre a origem de seu apelido, Pantera: "Este apelido vem de uma fase de ringue, de boxe, mas era uma fase muito diferente, em que a gente olhava a vida de outra forma". Quando foi procurado por Benito Juarez para fazer parte da orquestra de Campinas, Pantera tocava numa boite em Porto Alegre e não é com satisfação que se lembra dessa época: "Eu era boêmio e o cara que vive da noite tem uma maneira de ver o mundo do lado contrário. Dinheiro da noite entra no bolso e não chega a virar o dia, fica-se esperando a noite para botar algum novamente no bolso, porque aquele já foi".

Satisfação ele sente quando se recorda do momento em que recebeu o convite de Regente Titular da OSMC: "Benito estava formando a orquestra e falaram no meu nome. Ele então foi para lá (Porto Alegre) e me contratou. Quando recebi o convite, aceitei logo. Eu precisava mudar de vida, deixar alguns problemas para trás, algumas desilusões"...

Mas ele gosta mesmo é de falar da sua nova vida, da música, da Orquestra Sinfônica: "Quando cheguei aqui a coisa mudou, minha vida mudou. Para mim a Orquestra Sinfônica representa o mesmo que a música: a minha própria vida. Sabe que eu tirei os dentes da frente há dois meses e

mesmo assim não parei de tocar? Isto é tudo para mim".

E a Orquestra, vai bem? "Hoje a Orquestra se encontra numa fase muito boa. Já trabalhei em outras orquestras e posso dizer que esta, com os elementos que tem, é uma das melhores do Brasil, atualmente".

O seu trabalho, é a música como tal ou existe algo mais? "Eu procuro o valor que me rende. Quero sempre, em primeiro lugar, comunicar alguma coisa para alguém com o meu som. Caso contrário, não teria validade. Acho que o mesmo está fazendo a Orquestra, porque percebemos isso pelo resultado, pois se não fosse assim, um bom ambiente, com muita amizade, nós músicos não conseguiríamos trabalhar. Quando eu saio de casa para vir trabalhar, é como se estivesse vindo para a minha casa de novo".

## NAS ESCOLAS

Pantera tem uma preocupação muito especial: "Só acho que esse trabalho da Orquestra deve continuar a ser levado para a cidade, para a periferia, mais para o povo. Música clássica não é para rico. Eu mesmo não nasci em berço de ouro, fui pobre e, talvez, se a música não tivesse chegado até minha casa, eu hoje não seria músico".

Tem até mesmo uma sugestão: "A música devia ser matéria nas escolas; eu me lembro que no meu tempo de primário eu já sabia uma "escalinha". Então, o trabalho da Orquestra deve mesmo se abrir sempre mais para o povo, música na praça, onde o povo pudesse chegar e assistir, mesmo que não esteja acostumado. É preciso levar, cada vez mais, a música para eles. Já houve aqui na Sinfônica um programa de música para a periferia e eu acho que isso vai continuar".



# Uma família na Sinfônica

Ainda que seja constituída de artistas revestidos de características especiais, apenas pela profissão que têm, a Orquestra Sinfônica de Campinas é feita de pessoas humanas e, como bom grupamento humano que se preze, tem seus personagens que, por algumas particularidades, se transformam em detalhes curiosos que merecem ser destacados.

Um deles é a família Lima. Sim, você leu certo, é "família mesmo, e aí é que está a curiosidade. Você alguma vez já ouviu falar de três pessoas de uma mesma família tocando numa orquestra, e Sinfônica? Pois bem, a Sinfônica de Campinas tem três, que provavelmente, em breve, serão quatro. Elazir Martins de Lima, a mãe, Paulo Martins de Lima e Sonia Martins de Lima, os filhos, são três dos componentes do naipe de viola na orquestra. Sila Martins de Lima, outro filho de Elazir, é estagiário de harpa há três meses. E tem mais, Romário Lima, marido de Elazir, é arquivista da Sinfônica. Assim, a grosso modo, temos cinco pessoas de uma mesma família trabalhando na OSMC, e isto não se acha facilmente.

Elazir Martins de Lima tem dez filhos, dois netos e, como não podia deixar de ser, muitas vezes foi trabalhar grávida e algumas, prestes a dar à luz. Mas isto tudo não atrapalhou nem a música, nem a família: "Pelo contrário, a música sempre me ajudou muito no meu papel de mãe. A música é uma higiene mental". Ela toca viola desde os nove anos de idade e está na OSMC desde 1975: "Estudar música era um sonho de meu pai, que acabei realizando. Mas nunca imaginei que meus filhos fossem seguir esta profissão. Acho ótimo, porém, que estejamos trabalhando no mesmo setor, porque estudamos juntos e nos fazemos companhia".

## OS FILHOS

Paulo Martins de Lima estuda desde 1965, quando fez um curso particular com o professor húngaro

Gabor Berza, na Escola de Formação Musical da Polícia Militar de Belo Horizonte. Ele tem 27 anos e seu grande objetivo é ser um bom músico de orquestra. "Tenho procurado sempre desenvolver bem as atividades da Sinfônica e pretendo continuar estudando. Música a gente estuda a vida inteira. Um excelente músico, se fica um dia sem estudar, quando pega no instrumento já acha diferença. Assim, meu objetivo é continuar estudando sempre, para ser um bom músico de orquestra".

Sua irmã, Sonia, de 25 anos, estuda desde 1973, e é aluna da mãe. Pretende fazer faculdade de música, mas encontra dificuldades para isto em Campinas "Música não é só a prática, mas teoria também; se não estamos tocando, estamos pesquisando". Ela acha que não se pode misturar a música com outra profissão, sem prejuízo de uma delas, ou ambas. "Todos nós gostamos de música e tocamos o mesmo instrumento. De certo modo houve influência de mamãe, porque a gente ouve muito tocar em casa e sai sempre junto, frequentando os mesmos ambientes. Vai tomando gosto". Ela diz que pretende realizar pelo menos um terço do que realizou sua mãe: "Não só em questões de música, mas também como mulher".

Estudando harpa há três anos, Silas Martins de Lima tem 18 anos e é estagiário na Sinfônica: "Sempre gostei de música e tenho um exemplo na família, minha mãe, que me incentivou bastante". Lembra que no começo estudava violino; "mas depois minha irmã quis estudar harpa e, como ela não gostou eu então comecei a pegar o instrumento". Por enquanto ele estuda harpa com a professora Leda Guimarães Natal, harpista da OSM de São Paulo, mas pretende fazer também faculdade de música: "Mas é difícil, porque Campinas ainda não tem".

CMUHE030053

Biblioteca Centro de Memória - UNICAMP



*Os Lima, uma família que toca unida*